

AS MÚLTIPLAS COMPOSIÇÕES DO TRABALHO DOCENTE, IDENTIDADE E IMAGEM DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Maria do Socorro C de Lima
UFPA
socorro.lima@globocom.com

RESUMO: O presente estudo é intitulado As múltiplas composições do trabalho docente, identidade e imagem do professor na Educação Superior. A questão central que procurei desenvolver reside na percepção de que as novas condições que o trabalho docente assumiu, no âmbito das contemporâneas transformações ocorridas na educação superior, condicionaram, de modo particular, uma reconfiguração nas imagens e nos perfis identitários sociais/profissionais dos professores universitários. O objetivo geral que orientou o desenvolvimento do estudo foi descrever e analisar a configuração identitária profissional do professor universitário e sua imagem socioprofissional no contexto das transformações ocorridas na Educação Superior. Adotei como fio condutor de análise as amplas reformas no âmbito da educação superior brasileira, guiadas por orientações internacionais advindas de acordos econômicos estabelecidos que, em última instância, provocam transformações na Universidade, descaracterizando-a como instituição autônoma, alterando sua identidade institucional, função social e dinâmica, acarretando repercussões ao trabalho docente.

A Universidade é o cenário em que os sujeitos desta investigação, que ocorreu em duas Universidades brasileiras, na cidade de Belém, Estado Pará, região norte do Brasil, exercem o trabalho docente e, no interior dela, ocorre o processo de socialização profissional (Dubar, 1997), por meio do qual os profissionais constroem valores, atitudes, conhecimentos e habilidades que lhes permitam e justificam ser e estar na profissão. O processo de socialização é à base da identidade profissional. Constitui-se em um processo de concretização dos ideais profissionais.

Ao percorrer o processo de constituição do ensino superior brasileiro transversalmente nas reformas Universitárias, e de modo especial às alterações introduzidas pelas reformas educacionais a partir da década de 90, compreendo que o processo de instituição da profissão acadêmica não se completou. Contraditoriamente o que ocorre é

um processo de descaracterização e desqualificação da profissão, do qual fazem parte a precarização, flexibilização e intensificação do trabalho docente.

Em decorrência não há como desconsiderar que nesse contexto os professores enfrentem maiores limites do que possibilidades para exercerem o trabalho docente e construam uma carreira. Talvez essas limitações expliquem o que leva os professores a ressignificarem suas representações (auto-imagens), e, por conseguinte, o sentido que atribuem à docência e os sentimentos que nutrem em relação à profissão acadêmica e ao que é ser professor na Universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho Docente; Identidade profissional; Imagem docente.

O presente estudo é intitulado **As múltiplas composições do trabalho docente, identidade e imagem do professor na Educação Superior**. A questão central que procurei desenvolver reside na percepção de que as novas condições que o trabalho docente assumiu, no âmbito das contemporâneas transformações ocorridas na educação superior, condicionaram, de modo particular, uma reconfiguração nas imagens e nos perfis identitários sociais/profissionais dos professores universitários. O objetivo geral que orientou o desenvolvimento do estudo foi descrever e analisar a configuração identitária profissional do professor universitário e sua imagem socioprofissional no contexto das transformações ocorridas na Educação Superior. Adotei como fio condutor de análise as amplas reformas no âmbito da educação superior brasileira, guiadas por orientações internacionais advindas de acordos econômicos estabelecidos que, em última instância, provocam transformações na Universidade, descaracterizando-a como instituição autônoma, alterando sua identidade institucional, função social e dinâmica, acarretando repercussões ao trabalho docente.

O plano teórico desenvolve-se a partir de uma abordagem sócio-histórica, referenciando-se nos Estudos Culturais e na Teoria das Representações Sociais com a intencionalidade de refletir sobre a identidade e imagem social/profissional do professor universitário. No plano empírico trata-se de uma investigação descritiva e interpretativa, com uma abordagem da complementaridade quanti-qualitativa de coletas de dados e na perspectiva da triangulação como uma forma de integrar diferentes aspectos do fenômeno em estudo. A investigação ocorreu em duas Universidades brasileiras, na cidade de Belém, Estado Pará, região norte do Brasil. Utilizei questionários e entrevistas

semi-estruturada com professores. Na interpretação dos dados elegi a análise da estatística descritiva (questionários), através da frequência e da distribuição da amostra e a criação de tipologia (entrevistas) por meio da análise e da categorização qualitativa das informações.

A Universidade é o cenário em que os sujeitos desta investigação exercem o trabalho docente e, no interior dela, ocorre o processo de socialização profissional (Dubar, 1997), por meio do qual os profissionais constroem valores, atitudes, conhecimentos e habilidades que lhes permitam e justificam ser e estar na profissão. O processo de socialização é à base da identidade profissional. Constitui-se em um processo de concretização dos ideais profissionais. De acordo com Claude Dubar (1997) a identidade é construída por sujeitos sociais de uma perspectiva interacionista, em que as expectativas que os membros de um grupo têm sobre os papéis a serem desempenhados pelos sujeitos constituem os pilares de sustentação. Isso é, a aceitação de determinada identidade profissional supõe que haja interação entre os sujeitos na sua construção e partilha, assegurando assim um compromisso do grupo e com o grupo, definindo os sentimentos de pertencimento social que sustentam sua existência.

A identidade profissional do professor universitário não deve ser compreendida como rígida, bem como no sentido de que o social determina o individual, ao contrário, ela move-se de acordo com a trajetória de vida profissional do docente e da configuração social de cada momento da sua vida, permitindo a construção, desconstrução e reconstrução de identidades. Com base neste pressuposto, o sentido no qual construí esta investigação vincula-se nas transformações que contemporaneamente ocorrem no ensino superior, de modo particular na Universidade como instituição social e as novas condições que a profissão acadêmica assumiu decorrentes dessa transformação, na compreensão de que tanto a identidade profissional, como a imagem do professor universitário, nos dias atuais, devem ser compreendidas no interior dessas transformações. Em outras palavras, evidentemente em concordância com as transformações ocorridas no mundo do trabalho as políticas de educação superior impulsionam as reformas no interior da Universidade, mudando o eixo dos espaços e atores pedagógicos com diferentes formas de organização e diferentes relações de poder,

constituindo toda essa nova modificações o contexto da configuração de novas identidades profissionais.

Assim, diante das modificações que, nos últimos anos, têm ocorrido na carreira e no trabalho cotidiano do professora Universidade, encontrei junto aos docentes representações antagônicas quanto à modificação na carreira docente, ao exercício cotidiano e ao futuro da profissão acadêmica. Para um número significativo de docentes as mudanças no processo acadêmico-científico e na organização da carreira docente são necessárias ao desenvolvimento de uma nova concepção do trabalho acadêmico, e as novas condições de trabalho não conduzem ao produtivismo acadêmico, à intensificação e precarização do trabalho docente. Uma outra parcela dos docentes reconhece a existência de modificações no interior a Universidade, todavia acreditam que não altera de forma substancial o exercício da profissão acadêmica. Para um grupo igualmente representativo dos docentes essas mudanças têm afetado o trabalho acadêmico e sua autonomia, ocasionando sentimentos pouco confortáveis quanto ao futuro da docência universitária.

As representações assinaladas, por si mesmas, evidenciam as diferentes posições dos docentes no interior da profissão acadêmica. Algumas das representações podem ser compreendidas, quando de um prisma percebo o afastamento docente, seu auto-isolamento, negando a si mesmo a condição de trabalhador, descaracterizando sua identidade e função social. Por outro lado, a supervalorização da individualidade, em que o docente prioriza suas experiências pessoais e aspectos subjetivos em detrimento dos aspectos objetivos e coletivos, caracterizando a docência inoperante e adaptada, o que de certa forma, também conduz à alienação identitária. Há igualmente, a possibilidade de que os docentes estejam desinformados, nomeadamente, os que não têm a docência como atividade principal. No entanto, considero que essas representações estão, de certa forma, vinculadas às reformas no ensino superior submetidas às recomendações dos organismos multilaterais que sinalizam para a perda da identidade do professor, bem como para seus efeitos na profissão acadêmica por meio das condições precárias de trabalho e pela ausência de uma política de valorização profissional.

As reformas implementadas, para além de alterar a composição acadêmica no interior da Universidade, ocasionaram mudanças nas relações da cultura institucional por meio de um rígido processo de avaliação, que de um lado contribuiu para a qualificação docente, com maior número de mestres e doutores, contudo, de outro, trouxe implicações para o trabalho dos professores. Uma das marcas dessa consequência está no âmbito da produção acadêmica que, por ausência de financiamento suficiente para atender a todos docentes, incentiva a produção individual e a competição, uma vez que as bolsas para estudos, pesquisas e aprimoramentos passam a significar um acréscimo aos vencimentos, em um período de redução drástica do financiamento do setor universitário público, com congelamento salarial de docentes (Sguissardi, 2009).

O processo de redução de gastos públicos federais afeta de um lado as Universidades públicas e, por outro, desencadeou a retomada da expansão do ensino superior privado, de forma mais exacerbada do que na época do regime militar, e em decorrência acentuou o processo de proletarização vivido pelo magistério superior brasileiro, não somente em relação ao setor público, mas atingindo o setor privado, porque o crescimento quantitativo de instituições privadas ampliou o mercado de trabalho docente, sem, contudo, melhorar as condições de trabalho e salariais. Esses aspectos, entre outros, podem explicitar a situação socioeconômica e funcional dos professores, que em última instância pode estar mediando a resignificação de suas identidades profissionais.

No entanto, ocorreu neste estudo, uma significativa rejeição por parte dos docentes em relação ao processo de proletarização vivido pelo magistério superior, e igualmente sobre a imagem pública do professor universitário compreendida como a figura do trabalhador assalariado. Esses dados me conduziram a compreender que a imagem de elevado *status* social e cultural que os professores universitários gozavam, ainda há poucos anos, continua presente no imaginário social, sob outra ótica. Em outras palavras, assiste-se a desconsideração da carreira acadêmica, e isso é também sentido por toda a sociedade e manifestado nesse estudo, entretanto, a imagem do trabalhador assalariado é ainda fortemente vinculada a do operário, ou das profissões com menor prestígio, o que explica a rejeição do professor universitário identificasse à categoria de trabalhador assalariado. A profissão acadêmica historicamente adquiriu um

status social, foi e permanece considerada uma profissão de prestígio e valorização, mesmo que os professores sejam mal remunerados e que vivenciem progressivas perdas de garantias trabalhistas.

Nesse sentido, encontro no professor universitário uma necessidade em manter referências que são contestadas, mas que continuam a fornecer sustentação a sua identidade profissional. Isso indica que pode ocorrer um desacordo entre a identidade “virtual” (como o outro me vê) e a identidade “real” (como me vejo), o que implica na adoção de ações que propiciem tornar relativa essa diferença. Essas ações podem ser externas (transações externas) que envolvem a tentativa de acomodar a identidade para si a identidade para o outro (ação objetiva) e internas (transações internas), no sentido de manter as identificações anteriores advinda da trajetória social através da incorporação da identidade para o outro na identidade para si (ação subjetiva). Para a construção da identidade, portanto, concorrem dois processos distintos: um processo autobiográfico (a identidade do eu) e um processo relacional (a identidade para o outro). (Dubar, 1997).

Com o cuidado em não incorrer em afirmações inflexíveis, dada a heterogeneidade das instituições Universitárias e seus atores, é possível inferir que tem se evidenciado, no interior da Universidade, a configuração de múltiplos perfis docentes. Os que se envolvem com as atividades de ensino na graduação e os que se tornam professores pesquisadores, produtores e divulgador de conhecimento e que por deterem essas competências são docentes e coordenadores dos programas de pós-graduação. Estes credenciados com base na produção científica e tecnológica, um dos principais elementos de avaliação. Isso não quer dizer que os professores que fazem do ensino sua atividade principal não possam fazer pesquisa e integrarem os grupos, entretanto, ênfase a atividade preponderante. Há, entre os professores que se dedicam ao ensino na graduação, alguns que para aumentar seus rendimentos dispersam a sua jornada diária de trabalho em várias instituições de ensino, e, ainda, os que desenvolvem outras atividades profissionais concomitante a carreira acadêmica em uma evidência de que a profissão acadêmica pode constituir-se em uma forma de complementação salarial

Os dados empíricos assinalam que os docentes têm carga horária semanal que ultrapassa a jornada de trabalho de 40 horas, e que uma parcela significativa exerce a

profissão acadêmica em no mínimo duas instituições. Compreendo, assim, a inegável presença da intensificação e proletarização no trabalho docente, em que fica evidente a fragilização das condições econômicas e sociais dos professores. Por conseguinte é possível prevê que o docente apresente dificuldades de manter condições favoráveis para autoestima e, em sua representação, criar estima social para a carreira acadêmica.

A diversidades de funções exercida no interior da Universidade foi uma realidade constata nesse estudo, em que a totalidade de docentes no desempenho de duas a quatro funções /atividades é de um universo de alargado de professores. Ilustrativamente cabe fazer referência a algumas delas. Assim, há os docentes que: ministram aulas na graduação e pós-graduação, participam ou coordenam projeto de pesquisa ou extensão; ministram aulas na graduação e pós-graduação, participam ou coordenam projetos e ao mesmo tempo atuam na gestão acadêmica; ministram aulas unicamente na pós-graduação, participam ou coordenam projetos e também atuam na gestão; estão exclusivamente em funções de gestão na universidade; exercem unicamente a docência na graduação e pós-graduação e, por último os docentes que não estão envolvidos em outra atividade senão a de ministrar de aulas nos cursos de graduação.

Uma parte dos docentes neste estudo acaba por privilegiar a formação técnico-profissional associada à experiência do exercício da profissão em substituição a de competência pedagógica. Outra indica o status de ser professor universitário como facilitador para a inserção no exercício de outra atividade profissional. De um lado, encontro a valorização da profissão acadêmica atrelada à produção do conhecimento, com a vinculação à pesquisa e os dividendos para uma carreira profissional paralela à docência, de outro, a identificação de ser professor universitário confere um *status* social relacionado ao saber, a credibilidade docente. Esses aspectos contribuem para a dificuldade de se construir uma identidade voltada à profissão acadêmica.

Em termos de hierarquia acadêmica, há no interior da Universidade uma estrutura de poder visível que separa as funções docentes em *status*. A função que concede maior destaque acadêmico é a da produção científica, em segundo lugar os que relacionam a produção acadêmica com o ensino e os que desenvolvem somente o ensino na graduação estão na última posição na hierarquia (Ferenc, 2008). Esta separação

relaciona-se com outra tendência na educação superior com a constituição de Universidades de pesquisa e Universidades de ensino, que ainda não se consolidou na realidade brasileira. Entretanto, “[...] na inspiração mais recente, as funções de pesquisa carregam maior valor agregado na representação sobre o perfil docente, repercutindo sobre sua formação e prática pedagógica [...]” (Cunha, 2002, pp. 45-46) e, nomeadamente sobre sua identidade profissional, uma vez que os docentes no topo da hierarquia acadêmica veem a si mesmos mais como pesquisadores do que como docentes.

Nesse cenário de múltiplos perfis docentes universitários, configuram-se diferentes formas identitárias, o que torna complexo e extemporâneo querer compreender a carreira profissional acadêmica por um único padrão. Conforme aponta Stuart Hall (2003) esse fenômeno é caracterizado como um processo de descentração que desarticulam e fragmentam as identidades contemporâneas. Nessa perspectiva, a diversidade de contextos profissionais pode estabelecer diferentes identidades em diversos processos de socialização. Assim, assinala Amélia Lopes (2008) que a dimensão valorativa da identidade coletiva existe, ou sob a forma de ação conjunta nas organizações ou sob a forma de representações sociais sobre as atividades nos grupos profissionais.

Os professores expressam sentimentos de satisfação e de insatisfação com o trabalho desenvolvido. Os dados analisados apontam alguns paradoxos. De um lado há o empenho de continuar na profissão acadêmica caracterizada por um compromisso profissional, de outro lado, o desejo em abandoná-la e de procurar algo melhor, o que aponta para a desistência, que pode estar associada ao quadro de intensificação e precarização do trabalho. O mesmo ocorre no que concerne aos sentimentos em relação ao exercício docente, posto que para alguns professores a docência os completa como pessoa e profissional, e apesar de faltar algumas condições acadêmicas, sociais e econômicas, consideram que o ambiente universitário é propício à criatividade e à inovação e sentem-se motivados.

A concepção do trabalho acadêmico universitário como uma atividade profissional complexa, que requer formação específica e pressupõe um processo de atualização constante, nem sempre é incorporada pelos que fazem parte dessa categoria

profissional, entretanto, assinalo ter observado um movimento no sentido da superação de uma profissionalidade intuitiva para uma profissionalidade fundamentada (Kátia Ramos, 2010a), compreendida no âmbito da ruptura do conhecimento disciplinar. As conclusões convergem para a compreensão da docência sua complexidade, envolvendo saberes específicos e conhecimento didático-pedagógico, assim como, demonstram que os docentes não estão indiferentes à adoção de uma postura aberta para a reflexão e auto-reflexão pessoal e profissional, a construção de redes de trabalho coletivas baseadas na partilha e no diálogo profissional e a participação política e social no espaço público da educação.

Os professores nesse estudo fazem quase sempre afirmações positivas sobre o seu fazer acadêmico, o que pode denotar que, conscientemente ou não, estão buscando caminhos para ampliar sua consciência sobre as funções exercidas. De modo geral, identificam valores positivos na função que desempenham, sentimento que também se evidencia quando os próprios docentes assinalam que estão engajados em atividades educativas voltadas para o efetivo desenvolvimento de futuros profissionais, e que têm consciência que influenciam positivamente a vida de outras pessoas, através do trabalho acadêmico, e destemodo, a representação de ser professor ostenta sentidos para os quais inferem expectativas e percepções acerca da identidade profissional docente na Universidade.

Embora, por vezes poucos visíveis, as imagens e representações sobre a profissão acadêmica estão enraizadas nas experiências de cada um e podem relacionar-se a um conjunto de significados, a diferentes associações mentais que consolidam uma imagem – a do bom professor. Essa perspectiva é explicada por Denise Jodelet (1984), uma vez que para a autora as representações sociais permitem ao indivíduo construir significados, sob formas variadas, mais ou menos complexas. Conforme essa concepção as representações são simbolizadas por meio de imagens que condensam um conjunto de significações e “sistemas de referência que nos permitem interpretar o que nos acontece, dar mesmo um significado ao inesperado; categorias que servem para classificar as circunstâncias, os fenômenos, os indivíduos com os quais devemos lidar; teorias que permitem estatuir-se a si próprias.”(Jodelet,1984, p. 360). Isso que dizer que para além de permitir construir significados sobre a profissão acadêmica, as imagens

são elas próprias mediações sociais entre os conceitos, as ideias e as percepções do real, contribuindo para que os docentes construam referenciais de decodificação e de interação.

Nesse sentido, a uma imagem de bom professor ou professor ideal, agregam-se as qualidades profissionais e pessoais que o elevam a esse patamar e que podem servir de referência para a prática docente na universidade. Os docentes no estudo empírico apontaram algumas características mais marcantes do “professor de referência” em suas ações docentes, de modo especial no período de entrada na carreira acadêmica, em que buscaram apoio nessas referências. As características de maior valoração na percepção dos docentes são: o domínio de conteúdo, a competência, a postura ética e o entusiasmo.

A atratividade pela profissão acadêmica está também relacionada com a imagem positiva sobre a carreira acadêmica, em que posso inferir que as características dos professores de referências têm influência nessa decisão. No entanto outros aspectos também concorrem como as perspectivas profissionais que proporciona, entre elas o mercado de trabalho em expansão, mesmo que atualmente mais moderado, a divulgada flexibilidade de horários e liberdade na condução acadêmica e a estabilidade em se tratando do setor público.

Nas representações sobre a profissão acadêmica, as análises evidenciam que a imagem do ensino e da pesquisa são dimensões centrais do trabalho acadêmico, apesar da prática acadêmica ser ainda centrada na transmissão do conhecimento, em um modelo reprodutivista. Os docentes demonstraram o alto grau de identificação com o exercício da docência na graduação e, no que diz respeito às outras funções, foi possível identificar que há graus estratificados de identificação, no entanto, de uma maneira geral em relação às funções exercidas, para além do ensinar na graduação e pós-graduação, compreendo que os docentes incorporaram a necessidade de envolverem-se em dimensões muito mais amplas, o que exige uma adaptação de cada um a condições e características do trabalho docente na universidade em dias atuais.

Desse modo, no mundo do trabalho, do qual a profissão acadêmica não pode ser descontextualizada, a flexibilidade dos processos de trabalho (Harvey, 2007) tem forçado os professores a aceitarem contratos de trabalho mais flexíveis e, igualmente, o

docente universitário é impelido a sentir-se responsável pela manutenção de seu emprego, da sua remuneração, da sua qualificação e até mesmo por sua demissão, de tal ordem que a própria gestão da carreira torna-se relacionada a um projeto individual, constituindo-se esse aspecto no enfraquecer do trabalho acadêmico coletivo, retirando de cenário os projetos e reivindicações da categoria profissional como um todo.

Esse aspecto é revelador da centralidade da profissão acadêmica no profissional docente. Esta imagem transfere aos docentes uma parte do compromisso que deve ser assumido de modo macro nas políticas para a Educação Superior e materializados pelos sistemas de ensino público (federal, estadual e municipal), e de ensino privado, que devem promover a valorização da carreira acadêmica em seus contemporâneos aspectos multidimensionais, assegurando garantias que abarcam desde as concernentes à remuneração, como inclusive, o aperfeiçoamento profissional, de forma continuada.

Considerarei ao iniciar essa investigação que a identidade profissional docente é constituída no processo dinâmico de interação sociocultural. Ao provisoriamente concluí-la compreendo, igualmente, que a identidade profissional do professor universitário se constrói através de sucessivas interações com as funções que o docente exerce no interior da Universidade. Assim, foi possível apreender que no contexto dinâmico das novas condições ao trabalho docente, condicionadas por um processo de transformações profundas jamais verificadas anteriormente e que, nomeadamente, trouxe à profissão acadêmica o produtivismo, a competição, o isolamento e o corporativismo acadêmico, a coletividade identitária está progressivamente perdendo lugar para a supremacia do individualismo e da diferenciação.

Compreendo, com embasamento nos construtos teóricos referenciados ao longo desse estudo que a identidade profissional dos professores universitários funciona como uma âncora, que assegura o sentimento de pertencimento a profissão acadêmica. A existência de diferentes grupos profissionais dentro da profissão, em um movimento não natural, mas impulsionado na lógica das reformas do ensino superior tem o caráter de fragilidade e indica uma crise de identidade. A crise de modo geral caracteriza a sociedade na contemporaneidade em que os indivíduos e as categorias profissionais reivindicam seu reconhecimento social com base na formação de identidades específicas. Assim, conforme assinala Amélia Lopes (2001, p. 21) “[...] se a crise atinge

toda a vida social, nos professores, ela seria particularmente intensa, por ser a sua própria matéria de trabalho que nela está em causa”, o que possibilita o surgimento de outras crises, como a que nos deparamos que corresponde a dos professores universitários enquanto grupo social, seu estatuto legitimado por meio de um plano de carreira e etc que envolve uma outra crise, de caráter pessoal assentada na satisfação e realização pessoal no exercício da profissão acadêmica.

Pude evidenciar a configuração de alguns perfis identitários que se formaram, sobretudo, com a diversificação cujo sistema de ensino superior brasileiro se estrutura e no complexo processo que se arrasta politicamente, em um jogo de forças e interesses, para aprovar um novo documento que regerá a reforma universitária. Os professores universitários, nesse campo de forças, podem ser distinguidos por meio de posicionamentos contraditórios e ambíguos assumido nos diversos grupos que se estabeleceram no interior da Universidade.

Assim, no modo de estar na profissão acadêmica compreendem os docentes que:

- (i) desenvolvem uma admirável satisfação em todas as funções do papel que desempenham;
- (ii) demonstram desempenho e mantêm satisfação, mesmo não tendo ambicionado a docência universitária como modo de vida profissional;
- (iii) estão em permanente dúvida na carreira acadêmica, exprimindo dificuldades em identificar qual função desejaria desempenhar;
- (iv) perderam o vínculo com as profissões de origem, entretanto não conseguem incorporar de forma efetiva a profissão acadêmica;
- (v) têm como vínculo principal a profissão de origem e mantêm a profissão acadêmica como forma de prestígio;
- (vi) exprimem desinteresse por qualquer uma das funções acadêmicas, vivenciando o cotidiano da carreira com projeções de chegar na aposentadoria e
- (vii) compreendem a docência (ensino) como uma carga a ser suportada para realizarem a investigação científica.

O estudo empírico apontou igualmente para uma imagem do professor desarticulada da profissão acadêmica, fora da lógica da avaliação quantitativa, da cobrança de produtividade, da flexibilização do trabalho acadêmico, da massificação do ensino, do distanciamento de seu estatuto de profissão-chave da sociedade (Santiago & Carvalho, 2011). Essa imagem é aqui interpretada por duas posições teóricas. A primeira relaciona-se a um processo de idealização de imagem docente distinta da

realidade, e que pode ser compreendido quando se tem como referência a socialização primária (Berger & Luckmann, 1998), que se constitui no mundo de referências (imagem ideal) para as posteriores socializações. A imagem idealizada “[...] são forças psíquicas primárias, são mais fortes que as ideias, mais fortes que as experiências reais.” (Bachelard, 2003, p. 17). A segunda considera que a partir das reformas, uma nova identidade acadêmica foi tecida em contraposição a uma identidade construída a partir da interiorização de um conjunto de valores próprios da atividade profissional (Archer, 2008). Essa perspectiva me permite inferir que alguns professores nesse estudo estão ressignificando suas identidades profissionais em bases mais individuais do que coletivas, uma vez que criam uma subjetividade, uma identidade que não esteja ligada a essa lógica. Esse processo ocorre porque a “universidade reforça o trabalho solitário, extremamente individual e individualizado; o professor é deixado à sua própria sorte e, se for bastante prudente, evitará situações extremas nas quais fiquem patentes as falhas de seu desempenho.” (Pimenta & Anastasiou, 2002, p. 143). Isso me leva a questionar se não estaríamos diante do que Claude Dubar (1997) denomina de conflitos estruturantes da identidade.

Em uma outra perspectiva, no entanto foi possível observar os esforços dos professores em – ao lutar contra os constrangimentos decorrentes das reformas no interior da Universidade que conduziram a uma nova composição na profissão acadêmica e no trabalho do docente, e no interior do conflito profissional expresso na contradição entre como se reconhecem e de como são reconhecidos nos outros – ressignificarem suas identidades em bases mais coletiva, vinculadas, por exemplo ao movimento organizativo dos docentes. A identidade de classe por meio da sindicalização pode ser compreendida como uma das imagens identitárias atuais dos professores universitários, entretanto parece contraditório quando identifico com base na análise das informações que os professores não se identificam com a categoria de trabalhador assalariado.

Ao percorrer o processo de constituição do ensino superior brasileiro transversalmente nas reformas Universitárias, e de modo especial às alterações introduzidas pelas reformas educacionais a partir da década de 90, compreendo que o processo de instituição da profissão acadêmica não se completou. Contraditoriamente o

que ocorre é um processo de descaracterização e desqualificação da profissão, do qual fazem parte a precarização, flexibilização e intensificação do trabalho docente.

Em decorrência não há como desconsiderar que nesse contexto os professores enfrentem maiores limites do que possibilidades para exercerem a profissão acadêmica e construam uma carreira. Talvez essas limitações expliquem o que leva os professores a ressignificarem suas representações (auto-imagens), e, por conseguinte, o sentido que atribuem à docência e os sentimentos que nutrem em relação à profissão acadêmica e ao que é ser professor na Universidade. A reforma, como assinala Stephen Ball (2002, p. 5) “não muda apenas o que nós fazemos. Muda também quem nós somos — a nossa ‘identidade social’”.

A identidade docente, nesse sentido é uma entidade complexa, quer na sua composição, quer na sua dinâmica, “não sendo nem as expressões psicológicas de personalidades individuais nem os produtos de estruturas ou de políticas econômicas impostas lá do alto. Elas são construções sociais que implicam a interação entre as trajetórias individuais e os sistemas de emprego, de trabalho e de formação.” (Dubar, 1997, p. 264).

Diante disso, não tenho a intenção de que as aproximações conclusivas aqui apresentadas sejam consideradas como definitivas, e sim, como resultados provisórios de um itinerário investigativo, ocorrido em um espaço temporal próprio, no qual as contemporâneas transformações na Universidade estabeleceram novas condições ao trabalho docente, provocando significativas mudanças na profissão acadêmica, na identidade e na imagem profissional do professor universitário. No entanto, é pertinente reafirmar que esta é uma possibilidade dentre outras formas possíveis e igualmente válidas de analisar as questões que este estudo buscou elucidar, assim como não posso deixar de reconhecer que qualquer trabalho de investigação é sempre um convite para a continuidade do debate acadêmico.